POR *Andressa Basilio* FOTOS *Lucas Lima*

DE VOLTA ÀS RAÍZES

O botânico Ricardo Cardim pretende espalhar por São Paulo cem pedacinhos de Mata Atlântica com o projeto Floresta de Bolso. Sua meta: resgatar a vegetação original da cidade

O vento forte faz as copas das árvores dançarem freneticamente ao som de carros, motos e caminhões que percorrem a avenida das Nações Unidas, em uma típica manhã de sexta-feira em São Paulo. Apesar do dia chuvoso, o cheiro de grama molhada se dissipa com o odor forte do inóspito rio Pinheiros que corre ao lado. Os poucos pássaros que têm coragem de pousar por ali precisam, antes, transpor prédios de 20 ou 30 andares. É esse rascunho de natureza da praça Desembargador Percival de Oliveira que o botânico Ricardo Cardim, 38 anos, escolheu como mais um cenário para seu ambicioso projeto Floresta de Bolso.

Baseada em uma técnica desenvolvida após anos de pesquisa, a proposta visa o resgate da vegetação original da cidade, a Mata Atlântica, com o plantio de pequenas porções de floresta em reduzidos espaços públicos e privados. "Tá vendo como era essa região 70 anos atrás? ", diz Cardim, ao apontar uma foto do livro que carrega nos braços. A paisagem revela uma mata grande e densa nos arredores do rio Pinheiros de 1933. "Toda essa região era ocupada por uma floresta fechada e cheia de animais como tucanos, cervos e macacos. As margens do rio eram forradas de Ingá, uma árvore frutífera que se debruçava sobre a água e servia de alimento para os peixes. Consegue imaginar isso?"

Desde que abriu o próprio escritório de paisagismo, em 2008, Cardim luta para colocar o projeto em prática. "Seja dentro do paisagismo privado, em telhados ou praças públicas, a ideia é que a gente consiga criar uma rede de Mata Atlântica dentro de São Paulo", explica. "É ajudar a floresta que já estava aqui há 200 anos a voltar a ocupar seu espaço e a viver em harmonia com a cidade moderna dos homens." O ativismo é em prol de um resgate cultural e valorização de um patrimônio verde que se perdeu com o tempo, como brinca Cardim: "Um bilionário tem

IDENTIFICAÇÃO DAS ÁRVORES MOSTRA A MESCLA ENTRE ESPÉCIES NATIVAS E IMPORTADAS; NA PÁGINA AO LADO, CAMBOATÁ, UMA DAS MUDAS DE MATA ATLÂNTICA UTILIZADAS POR RICARDO CARDIM

acesso a trufas do Piemonte e vieiras do mar Castro, mas, se ele quiser comer uma perinha do cerrado, que era uma fruta saborosíssima muito comum por aqui antigamente, ele não consegue comprar por dinheiro nenhum, ela não existe mais".

A lógica é simples: quanto maior a convivência da população com os sabores e a estética da mata, maiores as chances de criar um microambiente urbano sustentável e de qualidade. Com uma parceria público-privada que envolve a empresa indiana Tata, a brasileira Farah Service e algumas subprefeituras, o biólogo já conseguiu plantar árvores em mais dois espaços públicos – na avenida Hélio Pellegrino e na praça Hiroshi Honda, perto do Parque do Ibirapuera –, além de cinco projetos privados.

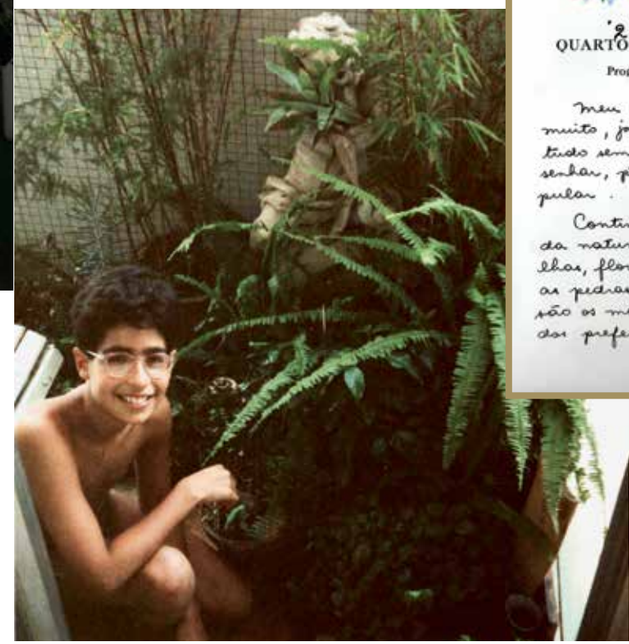
O plano ambicioso de erguer uma centena de florestas de bolso nos próximos dois anos vem da percepção de que os paulistanos já começam a ter consciência da importância de ampliar as áreas verdes. "Na primeira praça que fizemos, contamos com mais de 300 voluntários que saíram de casa num domingo para abrir buraco e mexer na terra. Era rico, pobre, jovem, idoso, criança. Foi lindo."

MATA SOB MEDIDA

Fazer o resgate histórico da vegetação original não é tarefa fácil. Além de anos de pesquisa, são meses de negociação com a prefeitura até sair o aval para implementação do projeto. Por fim, é preciso achar fornecedores de qualidade e que ainda comercializem plantas típicas da Mata Atlântica, como embaúba, araucária e palmital juçara. O plantio, que costuma demorar uma semana, segue à risca as instruções do projeto para garantir que espécies afins fiquem perto umas das outras. "Nada é plantado aleatoriamente", afirma.

O botânico explica que as plantas da Mata Atlântica evoluíram e se adaptaram por milhões de anos. "À medida que crescem, disputam umas com as outras e se ajustam em formato e tamanho." É essa estratégia que dará condições para que as mudas recém-plantadas nas florestas de bolso se desenvolvam e ultrapassem 6 metros de altura nos próximos anos.

QUASE 90% DAS ÁRVORES QUE SE VEEM NA METRÓPOLE SÃO ESTRANGEIRAS



"2.8.82"
QUARTO ANIVERSÁRIO
Progressos Gerais
Meu vocabulário cresceu muito, já falo quase tudo sem errar. Sei desenhar, pintar, cantar, pular.
Continuo gostando muito da natureza. As árvores, folhas, flores, frutas, a terra, as pedras, as conchas, são os meus brinquedos preferidos.

FOTO: ARQUIVO PESSOAL

CARDIM, AOS 11 ANOS, DIANTE DA PRIMEIRA "FLORESTA" QUE PLANTOU; ACIMA, CARTÃO ESCRITO PELA MÃE QUANDO ELE TINHA 4 ANOS JÁ DESTACAVA SUA AFINIDADE POR VEGETAIS. NA PÁGINA AO LADO, O BOTÂNICO POSA PARA RETRATO EM UMA DAS QUATRO CAÇAMBAS DO PROJETO QUE REUNIU 20 TIPOS DE PLANTAS

Muito longe da idealização de jardim que a maioria das pessoas têm na cabeça – influência dos simétricos e comedidos gramados franceses –, as florestas de Cardim são mais soltas, com árvores de espécies variadas ocupando a maioria dos espaços livres. Mais do que beleza, a ideia é copiar a natureza tal qual ela se apresenta – no caso da Mata Atlântica, uma floresta fechada, do tipo que só se acessa com a ajuda de um facão.

Para que a vegetação portátil fique adensada, o truque é encurtar a distância entre as mudas. Na praça Desembargador Percival de Oliveira, por exemplo, foram plantadas 200 árvores com uma distância entre elas de 1,5 metro quadrado (o paisagismo tradicional geralmente dá um espaço de 6 metro quadrado). Isso permite também agregar variedade em espaços reduzidos. Daí vem o conceito Floresta de Bolso, ou seja, que cabe em qualquer lugar.

Um dos projetos privados do botânico foi executado dentro de caçambas, no espaço de Food Truck Vila Butantã, na zona oeste de São Paulo. Ao total, foram quatro, com mais de 20 tipos diferentes de plantas que atingirão até 3 metros. O projeto todo, realizado no fim de 2015, custou R$ 10 mil para sair do papel e hoje é uma das atrações do espaço gastronômico.

EXPECTATIVA DE VIDA

Ricardo Cardim tinha 12 anos quando começou a pesquisar a dinâmica da Mata Atlântica. Costumava levar sementes das árvores da escola para plantar no apartamento de 60 metros quadrados onde morava com os pais, advogados. Foi nessa época que começou a entender que os espaços verdes que via em São Paulo não eram formados pela vegetação nativa da cidade. Quase 90% das árvores que se veem na metrópole são estrangeiras, e o botânico parece saber a origem só de bater os olhos.

Em um passeio pela região do Butantã, ele vai listando uma a uma – australiana, tailandesa, boliviana, malgaxe (de Madagascar) –, no que chama de "Efeito fast food". "Assim como um hambúrguer pode ser encontrado em qualquer lugar, as mesmas plantas estão no mundo inteiro substituindo a cultura local, o que é péssimo para o meio ambiente urbano", explica.

Os problemas não são só de ordem estética. Ao desmatar uma planta nativa, os animais que dependiam dela para se proteger e se alimentar são forçados a procurar outro local para viver. Se não fosse o desmatamento, provavelmente os paulistanos estariam bem mais acostumados à presença dos tucanos, esquilos e macacos, mesmo em zonas mais urbanas e mais ou menos como os esquilos que roubam comida das mãos dos nova-iorquinos, nos Estados Unidos.

Ao longo dos anos, a urbanização foi transformando São Paulo em uma cidade cada vez mais árida. Dos 152 mil hectares originais de Mata Atlântica sobraram apenas 17,5%, concentrados nas serras da Cantareira e do Mar e em pequenas ilhas no centro da capital, como os parques do Carmo e Trianon, segundo estudos da Fundação SOS Mata Atlântica. Isso deixa os paulistanos muito longe da recomendação mínima da Organização Mundial de Saúde de 12 metros quadrados de área verde por habitante (na cidade são 2,6 m²/hab.).

"Não é só questão de aumentar bem-estar", explica Márcia Hirota, diretora-executiva da Fundação SOS Mata Atlântica. "As áreas verdes protegem as nascentes e o fluxo hídrico, aumentam a permeabilidade do solo, mantêm a biodiversidade regional e regulam o clima urbano, trazendo conforto térmico." Alguns estudos dão conta de que as regiões arborizadas são, em média, 14 ºC mais frias do que zonas cinzentas. Por isso, pensar em reflorestar partes da capital é também combater as famosas ilhas de calor, que, nos dias de verão, sufocam os cidadãos com a quentura que emana do chão.

As verde-amigas também exercem papel fundamental na captura e filtragem de partículas malignas e metais, como ferro e chumbo, que vagam pelo ar contaminado, outro problema-chave da capital paulista. A poluição encurta a vida de quem circula por aqui em até três anos, como apontou um estudo conduzido pelo médico patologista da USP, Paulo Saldiva, que faz parte do comitê de qualidade do ar da OMS. "Esse ar escuro e pesado que os paulistanos colocam para dentro dos pulmões equivale a fumar de três a quatro cigarros por dia", diz o especialista.

Pensando em tudo isso, criar condições para que a Mata Atlântica volte a ocupar espaço em regiões urbanas é um grande passo rumo à maior qualidade de vida e à valorização de um patrimônio só nosso. Cardim enfatiza: "A gente precisa lembrar que moramos num país com a maior biodiversidade do mundo. São quase 50 mil espécies diferentes de plantas. Mesmo pequena, uma floresta dentro de São Paulo tem mais árvores do que em toda a Inglaterra. Nós temos que aprender a valorizar a nossa terra, senão a gente continua perdendo de 7 a 1 até no que diz respeito à natureza".

"UMA FLORESTA EM SÃO PAULO TEM MAIS DIVERSIDADE DO QUE A INGLATERRA"

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO; AGRADECIMENTO: VILA BUTANTAN (11) 3564-8731

Baixe a *Revista Personnalité* no tablet e assista à explicação de Ricardo Cardim sobre as espécies nativas da Mata Atlântica

NO ALTO, A MUDANÇA NO CURSO DO RIO PINHEIROS E O DESMATAMENTO NA REGIÃO, DE 1933 PARA CÁ; ABAIXO, PROJETO EM RESIDÊNCIA DE SÃO PAULO FEZ COM QUE A MATA ATLÂNTICA CRESCESSE 6 METROS EM DOIS ANOS. NA OUTRA PÁGINA, VOLUNTÁRIOS SE ORGANIZAM PELO FLORESTA DE BOLSO